

São Paulo, terça-feira, sete da noite. Estou em uma padaria dos Jardins e peço um x-salada para comer antes de partir para o show do Bad Religion.

É quando ele entra. Um sujeito absolutamente comum, igual aos milhares de homens de trinta e poucos anos que passam por aquela região todo dia.

Mas o olhar faz a diferença.

Eu já vi isso antes. É o olhar das neuroses urbanas e das promessas não cumpridas. Tipicamente paulistano, nós o vemos espalhado pelos quatro cantos da cidade. Independente da classe social, ele está sempre ali.

O homem senta e não pede nada.

E aí, ele começa:

"Feminicídio é mimimi. Da opressão que os homens sofrem vocês não falam".

A garçonete passa voando para não dar tempo de ser interpelada.

Ainda assim, ele insiste.

"Sabe quantas caixas d'água são estupradas todos os dias?"

Eu viro pra olhar, o caixa vira pra olhar, o chapeiro vira pra olhar.

Se era atenção que ele queria, conseguiu.

Vladimir Cunha -Trabalhou como diretor e roteirista da série Brasil Total e foi consultor criativo dos programas Central da Periferia e Esquenta, todos apresentados por Regina Casé e exibidos na Rede Globo. Integrante do primeiro núcleo criativo da Amazônia, pela TV Norte, co-roteirista do longa de ficção Flashdance TF, o único selecionado no estado do Pará no Edital Ancine Novos Realizadores 2022. Colaborou com o roteiro do documentário Na Fronteira do Fim do Mundo (Floresta Urbana), selecionado no Montreal Independent Film Festival 2022 (Canadá). Dirigiu e roteirizou o filme Flor da Lua, coprodução com o Canal Brasil sobre a cantora paraense Dona Onete, integrante da seleção oficial do festival In-Edit. Foi diretor e roteirista do documentário Brega S/A, sobre a cena tecnobrega de Belém do Pará, com pré-estreia no festival In-Edit e estreia na MTV Brasil. Co-dirigiu e roteirizou a série Discoteca MTV e dirigiu e roteirizou a série Brasileiro Petrobrás, exibida no Youtube e na ESPN Brasil. Como jornalista, colaborou com as revistas Piauí, Rolling Stone Brasil, Rolling Stone Itália, Billboard, Superinteressante, Playboy, Sexy, Herói e Play, entre outras.

O MALUCO DA PADARIA

por **VLAD CUNHA**

E aí o sujeito entra numa onda muito louca, de português ruim e ideias piores ainda. Há uma conspiração em curso para destruir a família, a Igreja, o capitalismo. Mulheres são vadias e não valorizam homens interessantes, provedores, "com papo", cultos. Ou seja: não valorizam ele. O velho ciclo: uma auto-ilusão que não se confirma e, ao não se confirmar, alimenta uma neurose que vai se traduzir em violência, nem que seja apenas verbal. Na cabeça dele há uma guerra e os soldados são os machos de verdade, que se imaginam como personagens de Downton Abbey, sempre prontos para defender o Ocidente do Islã, das barbáries do Leste e das mumunhas dos selvagens que habitam as colônias. O Fardo do Homem Branco, que aqui é carregado por uma legião de pardos latinos com delírios de grandeza. Vivemos dias perigosos. É preciso estar atento, pois o comunismo está logo ali e tudo é O Inimigo: os gays, as lésbicas, as rodadas, as mães solteiras, as feministas de franja, a Érika Hilton, o Maduro e o...Lula.

O Lula. Esse Leviatã barbudo de um metro e meio que aterroriza todo paulistano de bom coração. Lula. Molusco. Nine. Painho. Ladrão. O maluco sabe tudo. Sabe dos clones, das fazendas, da Ferrari de ouro... Lula. A grande fonte de todas as dores do mundo.

Não sei o que foi que deu no sujeito, mas ele passou a olhar pra mim. Falava do Lula e me olhava. Falava de Comunismo e me olhava. Falava do Lula de novo. Falava da Dilma. Sempre me olhando.

Essa era A Voz do homem médio, e mediano, brasileiro. Desprovido de importância, vazado de sentido, perdido numa megalópole onde tudo é medido pelo capital, seja ele real, político ou simbólico. Mas há uma solução: tomar a pílula vermelha, acordar para a Realidade, estudar o professor Olavo, sacar todas as conexões malignas que transformam este mundo numa eterna orgia De Olhos Bem Fechados destinada a uns poucos afortunados. E se o mundo é uma selva, melhor viver como animais. Homens são Alfa e Sigma, quem não come ninguém é beta, mulheres são "vadias" e "rodadas", perdedores são "betinhos" e somente os Chad Vaders acessam "todas as bucetas rosadas do mundo". E agora, esse turbilhão de ideias, esses conceitos equivocados que empurram a mente para um estado de puro Id, estava ali, na minha frente.

Falando do Lula e me olhando.

Doidinhos de bairro de todo o mundo, uni-vos.

Dá pra rir. Ao mesmo tempo em que rola uma certa tensão. Porra, essa é uma cidade que tem serial killer e onde tu morre porque tá usando a cor errada no lugar errado. E se esse filhodaputa tiver armado? Tô exagerando? Não sei. Nesse mesmo bairro, há alguns quarteirões daqui, uma deputada de extrema-direita perseguiu, de revólver em punho, um homem negro desarmado. Há algo simbólico nisso tudo, nessa violência em forma de

incontinência verbal que acontece no mesmo lugar onde se tornou comum pedir a volta do AI-5 em manifestações de rua.

Apesar de toda essa ressonância, o homem continua interagindo com ninguém. Talvez porque haja limites até mesmo para quem quer a volta da ditadura.

Ele fala mais uma vez do Lula e vira para mim, como se esperasse uma reação que não veio.

Termino de comer, peço a conta e pago. Passo por ele e ouço uma última provocação: "Tinha é que revogar essa Maria da Penha".

Sigo reto e não dou papo. Ele continua falando, sua voz sumindo na ambiência caótica da maior cidade da América do Sul.